

## **PERSISTÊNCIA NO ESTUDO DE INGLÊS NA FACULDADE: UM ESTUDO USANDO METODOLOGIA Q**

**Persistence in the study of English at the University: A Study Using Q Methodology**

Linda Gentry EL-DASH, Unicamp, São Paulo, Brasil

### **Abstract**

*Using the Q Methodology, this study investigated the underlying motivations of Brazilian university students who persist in the study of English beyond what is required for their courses. Despite the high correlation of their points of view, the sorting of the 54 statements revealed five clearly distinct points of view, each reflecting a unique perception of the importance of English in their future: the Lovers of the Language, the Hunters of a Differential, those who Aspire to Precise and Appropriate Communication, the Investors in Professional Needs, and the Explorers of the Presence of English in Brazil.*

**Key-words:** *Q Methodology; English language learning; motivation; needs analysis.*

### **Resumo**

*Utilizando-se da Metodologia Q, este estudo investigou o que motiva universitários que persistem no estudo de inglês além das exigências dos seus cursos. Apesar das posições altamente correlacionadas, a distribuição das 54 afirmações por esse grupo de universitários revelou cinco pontos de vista distintos, cada um refletindo uma percepção única da importância da língua inglesa em sua vida futura: Os Amantes da Língua, os Caçadores de um Diferencial, os Aspirantes à Comunicação Precisa e Adequada, os Investidores em Necessidade Profissional e os Exploradores da Presença do Inglês no Brasil.*

**Palavras-chave:** *Metodologia Q; aprendizagem de inglês; motivação; análise de necessidades.*

### **1. Introdução**

A aprendizagem de uma língua estrangeira exige anos de dedicação e esforço, mas a cada ano milhares de brasileiros encaram esse desafio. Uns são forçados por exigências explícitas de um emprego ou do currículo acadêmico, mas outros a escolhem livremente. O que motiva essas pessoas a embarcar nesse percurso tão árduo? O que as atrai? O que as leva a persistir?

Vários estudos consideram essa persistência como parte da motivação da aprendizagem de uma língua estrangeira. Os primeiros e mais conhecidos estudos sobre a motivação talvez sejam os de Gardner e associados (cf. Masgarot & Gardner, 2003). Gardner propôs dois tipos de orientação ou finalidade que levam ao desejo de (e persistência em) aprender uma língua estrangeira: integrativa e instrumental. A primeira diz respeito a uma disposição afetiva para o contato socioemocional com a língua e seus falantes, ao passo que a segunda visa aos benefícios práticos de tal estudo, tal como um emprego melhor ou um salário maior. Os trinta anos de investigação levaram esses pesquisadores a considerarem que a primeira é mais ligada à proficiência numa língua não nativa. Clément et al. (1977) também concluíram que a motivação de um indivíduo para aprender outra língua e a sua intenção para continuar os seus estudos dependem de atitudes favoráveis face à comunidade da outra língua (motivação integrativa), e dão a entender que a competência real parece mais ligada à autoconfiança devida a experiências anteriores com a língua.

Deve-se lembrar, entretanto, que essas pesquisas foram feitas no Canadá, onde existe basicamente uma situação de segunda língua (ou, pelo menos, uma política oficial de bilinguismo) e não uma situação de língua estrangeira; os resultados das pesquisas que mostraram os benefícios da motivação integrativa foram sempre mais marcantes para membros do grupo étnico dominante ou majoritário (Gardner, 1985). Além disso, a motivação instrumental nunca foi pesquisada em larga escala, embora pudesse desempenhar um papel maior em outro contexto. Além do mais, a interpretação é do pesquisador e não necessariamente reflete a da pessoa envolvida. Desde que Crookes e Schmidt (1991) apontaram a importância de investigar o que acontece na sala de aula e não se limitar a questões afetivas relacionadas à sociedade maior, pesquisadores têm adotado abordagens de vários tipos, inclusive mais qualitativas (cf. Dörnyei, 1998; 2003). Tais abordagens incluem entrevistas (e.g. Ushioda, 1998; Williams & Burden, 1999) e diários (e.g. Norton Peirce, 1995). Outros pesquisadores se preocuparam em tentar averiguar as especificidades de situações diferentes e estenderam o campo de estudo da América do Norte para a Europa, o Oriente Médio e o Oriente (Dörnyei, 1998), como também para a situação no Brasil (El-Dash & Busnardo, 1994; 2001).

O aumento da preocupação com conceitos cognitivos no estudo da motivação (Pintrich & Schunk, 1996) levou a uma preocupação com as percepções dos aprendizes, mas ainda falta muito para entendermos as razões conscientes para a aceitação do desafio de aprender outras línguas. Como Dörnyei afirma (2001:189), “a pesquisa sobre motivação já alcançou um estágio que se beneficiaria da complementação das técnicas tradicionais de pesquisa com metodologias novas<sup>1</sup>.”

Uma visão sociopsicológica de linguagem reconhece que a compreensão da percepção de uma situação pelos participantes é essencial para detectar e interpretar o que acontece (Giles & Coupland, 1991). Contudo, os estudos feitos até o momento ainda tratam os grupos como sendo compostos de

---

<sup>1</sup> “I believe that motivation research has reached a stage when it would benefit from complementing the traditional research techniques with novel methodologies.”

peças iguais no pensamento, quando na realidade são grupos de indivíduos distintos. Mesmo que todos tenham enfrentado as mesmas forças históricas, ideológicas e políticas, sempre há diferenças nos detalhes que podem ter influenciado pessoas específicas de maneiras diferentes.

A situação no Brasil também é nitidamente diferente da situação no Canadá. Uma orientação integrativa de um falante de inglês no Canadá face ao francês (uma língua oficial, mas minoritária) não significaria a mesma coisa em relação a um brasileiro no Brasil face ao inglês (a língua de um país estrangeiro, mas “dominante” mundialmente). A disposição de se integrar a um grupo minoritário presente no país e com status inferior é diferente de uma disposição de se integrar a um grupo dominante não presente e com status elevado.

A maioria dos estudos fatoriais apoia a noção de que uma motivação integrativa é importante na aquisição de L2 (Gardner, 1985). Entretanto, diferenças individuais obviamente influenciam decisões de persistência no estudo de uma língua estrangeira. Para tentar decifrar até que ponto a motivação para a continuação/persistência no estudo de inglês reflete questões compartilhadas, decidimos adotar a Metodologia Q.

## 2. Metodologia

A Metodologia Q possibilita o levantamento e a organização de dados sobre opiniões, atitudes e crenças de uma maneira que os torna relativamente objetivos (Stephenson, 1955; Brown, 1980; McKeown & Thomas, 1988). Com ela, é possível quantificar dados totalmente subjetivos e individuais de modo a estabelecer a importância relativa dessas ideias para as pessoas num plano individual; depois, ela os disponibiliza de forma a permitir o uso de técnicas tradicionais estatísticas para identificar as pessoas que compartilham tais ideias. Assim, consegue distinguir entre pontos de vista idiossincráticos e os que são compartilhados.

A Metodologia Q difere do uso de entrevistas, que dependem da habilidade do entrevistador para evitar a exclusão de aspectos não previamente considerados relevantes. Além disso, o pesquisador não consegue comparar as opiniões de uma pessoa com as de outra de maneira confiável, nem estabelecer hierarquias das mesmas; também depende da colaboração do entrevistado em assumir abertamente opiniões que talvez não sejam socialmente aceitáveis ou que entram em conflito com uma posição pressuposta do entrevistador.

Também difere de questionários quantitativos, que avaliam afirmações específicas (frequentemente expressas através de uma escala Likert) e até conseguem estabelecer diferenças em relação à importância individual, mas dependem de médias para comparar as opiniões de várias pessoas, e tais médias se baseiam, via de regra, em grupos pré-estabelecidos (geralmente, grupos delineados com base em características demográficas, tais como sexo, idade, etc.).

A Metodologia Q lança mão de um conjunto de técnicas, algumas qualitativas, outras quantitativas. A primeira etapa é a seleção de uma amostra das ideias e opiniões “existentes” sobre o tópico sob consideração. Essa amostra (a amostra Q) precisa conter uma ampla gama de ideias que reflitam ao máximo todas as posições favoráveis e desfavoráveis em relação ao tópico para que todos os participantes do estudo possam ter suas ideias consideradas. Se essa amostra não contiver as ideias que revelariam as opiniões das pessoas, não há como a técnica em si dar certo. Essa amostra consiste, então, de uma seleção do conjunto de todas as ideias “existentes” sobre o tópico, o universo de ideias, que é levantado através de opiniões (afirmações) expressas em entrevistas ou grupos focais, escritas em diários, respostas a questionários ou mesmo opiniões encontradas na literatura existente.

Dessas opiniões e afirmações do universo de ideias, entre 30 e 100 são selecionadas e cada uma é escrita num cartão. Essas afirmações serão, então, hierarquizadas pelos participantes do estudo segundo as suas crenças. Os participantes devem ser selecionados para representar vários segmentos previstos no universo de pessoas (o grupo P), cada um avaliando a importância relativa de cada afirmação para si mesmo, dadas as condições de instrução, e expressando isso na forma de um tabuleiro. O tabuleiro força a organização dos cartões contendo as opiniões numa distribuição quase-normal para mostrar as ideias com as quais o participante mais concorda até aquelas com as quais mais discorda. Esse procedimento de distribuição forçada de ideias é conhecido como “distribuição Q” e resulta numa hierarquização das ideias em relação à importância individual para cada participante. Dependendo do número de afirmações selecionadas, o tabuleiro geralmente oferece de 7 a 11 colunas, cada uma comportando um número específico de afirmações. As do lado esquerdo extremo, com lugar para menos cartões, indicam as ideias mais rejeitadas e as do lado direito, também com lugar para menos cartões, indicam as mais aceitas. As colunas mais para o meio vão aumentando em número de cartões necessários para as completarem. A atribuição de um valor para indicar a coluna onde se localiza cada afirmação (de 1 a 7, 9 ou 11) resulta numa escala ordinal das opiniões e valores, e os resultados podem então ser sujeitos a uma análise estatística (numérica) usando a análise fatorial.

A fase da análise fatorial de um estudo Q é facilitada pelo uso de programas de software específicos para essa finalidade. O programa mais frequentemente utilizado é o PQMethod 2.11, disponível gratuitamente na internet<sup>2</sup>. Os resultados dessa análise revelam os agrupamentos de indivíduos que compartilham, com grau de confiança acima de 0.95, pontos de vista semelhantes.

É na análise desses agrupamentos (os fatores) que o pesquisador precisa fazer uma interpretação qualitativa. É preciso entender como são esses pontos de vista, o que subjaz às combinações de afirmações que diferenciam um fator dos outros. A análise estatística mostra quais itens são mais (ou menos) importantes para as pessoas que compartilham cada ponto de vista, mas cabe ao pesquisador interpretar esses pontos de vista levando em consideração todos os itens que os

---

<sup>2</sup> No site: [www.lrz-muenchen.de/~schmolck/qmethod/downpqx.htm](http://www.lrz-muenchen.de/~schmolck/qmethod/downpqx.htm).

compõem (e não compõem), ou seja, o que é (e não é) importante para os participantes desse ponto de vista. Também revela quais indivíduos fazem parte de cada ponto de vista, e a “força” dessa ligação. Pode-se também averiguar a validade da análise através de outra entrevista com os participantes, especialmente os que melhor representam cada ponto de vista. Também é possível pedir para todos os participantes escreverem uma explicação breve sobre as razões que os levaram a avaliar os itens do jeito que os avaliaram. Esse acompanhamento pode facilitar a análise original do pesquisador, e também servir como confirmação da precisão da análise feita.

Essa metodologia, que consegue revelar opiniões subjetivas e compará-las com as de outras pessoas para identificar pontos de vista compartilhados, parece ideal para a presente investigação da motivação dos universitários que persistem no estudo de inglês além das exigências dos seus cursos de estudo. Embora ainda pouca utilizada na área de Linguística Aplicada, é bastante aproveitada nas Ciências Sociais e em outras áreas, como Psicologia e Comunicação, quando um estudo sistemático das diferentes opiniões de indivíduos é relevante. Mais de 1500 artigos já foram publicados a respeito do assunto (McKeown e Thomas, 1988). Desde a introdução dessa metodologia no Brasil, nos anos 2000, ela já foi utilizada em algumas dissertações/teses e trabalhos na área de Linguística Aplicada. Algumas das dissertações e teses tratam da percepção de alunos sobre as suas estratégias (Magnus, 2005), das percepções de universitários sobre as condições na sala de aula de inglês (Cunha, 2005), das opiniões de professores e/ou alunos sobre vocabulário (Carvalho, 2008) e leitura (Oliveira, 2009), da opinião de alunos sobre a aprendizagem de inglês fora da sala de aula (Taves, 2011) e das percepções de professores do estado do Paraná sobre as diretrizes curriculares estaduais (Rosa, 2011).

### 2.1 Sujeitos

Os sujeitos desse estudo são universitários matriculados em aulas de língua inglesa numa universidade pública no estado de São Paulo. Esse grupo de participantes (o grupo P) consistia de 29 alunos matriculados em aulas de inglês geral para pré-intermediários e intermediários. Esses alunos advêm de uma variedade de cursos das exatas e das humanas, e também faziam parte três alunos da área de Letras e Linguística (português) que se aprofundaram no estudo da língua inglesa. Para todos, o estudo de inglês foi opcional, embora alguns já tivessem completado dois semestres de inglês instrumental obrigatório para os seus cursos de estudo.

### 2.2 O instrumento

A amostra Q foi composta de afirmações sobre a aprendizagem de inglês feitas por estudantes (a partir da sétima série do ensino fundamental até a universidade) em várias entrevistas e em conversas informais com a pesquisadora e a sua equipe. A amostra selecionada refletia os resultados

de um estudo anterior (El-Dash e Busnardo, 2001), que utilizou essas afirmações numa análise fatorial tradicional para identificar tópicos presentes no imaginário dessas pessoas. Foram selecionados 54 itens (afirmações) para a amostra, três para cada um dos 18 tópicos revelados nesse estudo (não há necessidade de uma classificação perfeita das afirmações nos tópicos, uma vez que os resultados não vão reproduzir esses tópicos, pois cada participante usará as afirmações independentemente para indicar a importância /relevância segundo o seu próprio ponto de vista).

O tabuleiro tinha 11 colunas, com a distribuição forçada como ilustrada aqui:

-5	-4	-3	-2	-1	0	+1	+2	+3	+4	+5

Mais rejeitado
Mais importante

### 2.3 Aplicação

Depois de concordarem em participar, os alunos receberam as instruções de distribuir os cartões no tabuleiro para mostrar, da melhor maneira possível, os seus pensamentos sobre a importância do estudo da língua inglesa. Após a ordenação, indicaram no gabarito a coluna de localização de cada item, e depois escreveram atrás da folha do gabarito uma explicação da colocação de cada um dos itens mais parecidos (coluna 11) e menos parecidos (coluna 1) com as suas opiniões. O procedimento levou de 30 a 50 minutos, dependendo do aluno. Os resultados da análise fatorial Q estão expostos no Anexo.

### 3. Resultados

Os fatores são definidos pelos participantes que compartilharam pontos de vista. O passo inicial da metodologia identifica o grau de semelhança das ideias de cada participante com a hierarquização das ideias de cada um dos fatores, o que é revelado pela carga no fator (correlação com ele). Somente os participantes com uma carga acima de 0,4 em um e somente um desses fatores foram incluídos para compor e definir o ponto de vista desse fator. Vinte e sete dos 32 participantes foram incluídos, com 3 eliminados por terem excedido essa carga em 2 ou mais fatores (o que mostra que eles compartilham as ideias de mais de um ponto de vista) e 2 por não tê-la alcançado em nenhum dos fatores (o que mostra que existem outros pontos de vista, mesmo que não claramente revelados por

esse grupo de participantes). A solução final tinha cinco fatores, o primeiro refletindo a posição de 9 pessoas, representando 18% da variância, o segundo refletindo a posição de 5 indivíduos, representando 14% da variância, o terceiro refletindo a posição de 5 pessoas, representando 13% da variância, o quarto refletindo a posição de 3 pessoas, representando 7% da variância e o quinto refletindo a posição de 4 participantes, representando 13% da variância. A correlação entre os fatores era bastante alta, entre 0,37 e 0,65, provavelmente um resultado da semelhança básica da situação de todos os alunos, mas as diferenças ficaram nítidas e foi fácil perceber diferenças básicas nas posições, que serão discutidas a seguir.

### 3.1 Interpretação dos fatores

Na análise fatorial tradicional, os fatores agrupam os itens que compartilham um conceito teórico básico subjacente, mas na análise fatorial da Metodologia Q, são as pessoas que são agrupadas por compartilharem o mesmo ponto de vista. A interpretação se baseia nos itens compondo cada um desses perfis, com importância especial para os que distinguem um ponto de vista dos outros - as afirmações distintivas. Os fatores claramente representam cinco pontos de vista diferentes em relação à motivação para o estudo da língua inglesa e o seu papel na vida desses participantes, e serão discutidos abaixo. Uma lista das afirmações e os escores dos 5 perfis para cada uma estão apresentados no Apêndice. A discussão desses itens é acompanhada da anotação do número do item sendo interpretado, junto com o escore dado pelos participantes do fator sob discussão. Assim, (49,+5) se refere ao item 49, que os participantes do fator sob discussão avaliaram como um dos três itens com os quais sentem máxima concordância e que é de máxima relevância para eles. Se fosse (49, -5), o -5 indicaria uma forte reação, embora de rejeição total da ideia do item. Seria diferente de um 0, que indicaria falta de relevância, mesmo que seja verdade a afirmação.

#### 3.1.1 Fator A: Os Amantes da Língua

O primeiro fator, intitulado com base na interpretação da autora como “Amantes da Língua”, consiste de 9 participantes. As afirmações mais relevantes desses participantes remetem principalmente ao desafio de aprender a língua inglesa e o prazer em conhecer falantes nativos e suas culturas. O desafio (49, +5) é claro, enquanto que o grande desejo de aprender está revelado pela alta rejeição do item 19 (-5). Essas pessoas gostam de ler (11, -5), especialmente coisas de seu interesse (32, +5). Também não se preocupam com a aprendizagem dos outros (33, -3), porque o que importa para elas é sua própria aprendizagem de inglês. Essas pessoas estão interessadas em morar no exterior (51, +5) e conseguir se comunicar com as pessoas por lá (26, +4; 27, +4; 37, +4; e 6, +3),

como também conhecer a cultura dessas pessoas (39, -4; 27, +4), que inclui a literatura (12, +3; 48, +3). Entretanto, esse interesse está em obter subsídios para a sua própria aprendizagem da língua. Essas pessoas negam a importância de laboratórios bons no exterior (23, -4), o que, de fato, está pouco ligado à aprendizagem da língua; além disso, negam a importância dessa língua para facilitar os jogos no computador (35, -4) e não se interessam em treinar a língua conversando coisas simples com amigos (53, 0). Também o papel da língua inglesa no mundo científico não encontra respaldo no imaginário dessas pessoas (8, -2; 7, -3; 34, -3).

Afirmações escritas pelos participantes com esse perfil mostram o entusiasmo pela aprendizagem da língua em si: descreveram a aquisição de inglês como: é um “desafio delicioso poder ler, conversar com pessoas, e ver peculiaridades da cultura”. E ligam a experiência no exterior ao aperfeiçoamento da língua inglesa: “A vantagem de estar no exterior é aprender a língua e ter maior compreensão” e “viver no exterior serve para aperfeiçoar o inglês e conhecer novas culturas e pessoas.” A importância da compreensão da língua inglesa por essas pessoas também é vista na rejeição forte da ideia de somente escutar o batuque da música e a forte concordância com o prazer de compreender filmes (20, -4) sem precisar das legendas (46, +4), que deixam a desejar (44, +3). As pessoas desse perfil reconhecem possíveis vantagens profissionais no exterior (45, +3), mas essas possibilidades são vistas independentemente de um eventual trabalho. Também mostram uma falta de preocupação com a ligação entre a língua inglesa e trabalhos profissionais ao rejeitar a importância da comunicação científica via artigos (7, -3), a relevância das informações disponíveis nos congressos (10, -3) e da publicação em inglês (34, -3); além disso, consideram irrelevante a participação em congressos (8, 0). Essas atividades não fornecem possibilidades para o aperfeiçoamento da língua e talvez por isso percam interesse relativo. Essas pessoas, por seu fascínio pela língua em si, foram denominadas “Amantes da língua”.

### 3.1.2 Fator B: Caçadores de um Diferencial

O segundo fator, denominado pela autora como “Caçadores de um Diferencial”, consiste em 5 participantes. O escore dos itens representando as crenças e opiniões dessas pessoas é incluído no Apêndice. Esse segundo ponto de vista é marcado pela forte ênfase no inglês como um diferencial na procura de um emprego (25, +5), de preferência fora do país (51, +4). Consideram as possibilidades de trabalho nas multinacionais, onde o uso de inglês pode ser crucial (9, +5), e as oportunidades existentes no exterior (31, +4), como também a chance de ganhar bem (45, +4). A necessidade do domínio de inglês para conseguir escrever e-mails no trabalho (5, +4) também marca a opinião das pessoas desse perfil, embora neguem a importância do inglês no mundo acadêmico, como a escrita de



artigos acadêmicos (7, 0; 34, 2). Ligam, portanto, a língua inglesa à identidade de um cidadão do mundo globalizado (18, +5), papel que já selecionaram para si.

Tais participantes mostram certo interesse em conversar com as pessoas no exterior (6, +3; 26, +3; 39, -5), mas não na leitura da literatura (12, -3) nem na cultura refletida na mesma (48, -1). Não se preocupam com o domínio da língua inglesa em relação ao turismo (ou pela falta de interesse no turismo, ou pela falta de interesse em conhecer as pessoas) (38, -4). Apesar de expressar certo interesse pelo desejo e desafio de aprender a língua inglesa (19, -3; 49, +3), isso é bem menos relevante para eles do que para os Amantes da Língua, para os quais a aprendizagem do inglês é uma paixão.

Como os Amantes da Língua, se preocupam em escutar o que se fala nos filmes (20, -5), e tentam entender a letra das músicas (43, -4), mas não se preocupam caso seja necessário utilizar as legendas. Veem a língua inglesa mais como uma ferramenta, servindo tanto para inferir o significado das palavras desconhecidas nos textos (28, +3) quanto para fornecer acesso antecipado às informações novas (16, +3). Aceitam ler textos em inglês (11, -4), mas não o fazem porque querem (32, +2) e negam a sua importância para envolvimento nos jogos (36, -4), talvez porque jogos não fazem parte das suas aspirações profissionais.

Apesar de concordarem com os Amantes da Língua que a experiência de viver fora seria boa, diferem na importância da língua em si. Para os primeiros, a aprendizagem e o uso da língua é o que é mais relevante, mas os últimos não se preocupam com a língua em si, aceitando utilizar traduções (42, -2; 22, 0) e as legendas dos filmes, mesmo sendo falhas (44, -1), embora achem legal entender o som original dos filmes (46, +2). As palavras de alguns desses Caçadores de um Diferencial mostram a sua posição: “Um dos fatores de peso num processo de seleção profissional é o domínio do inglês”. “Na minha área, ter inglês fluente é um diferencial até mesmo para um processo de estágio”. “A globalização interliga todos os povos e nações, logo é necessário a existência de várias padronizações, e a língua padrão é o inglês. Sem ele, você fica fora dessa união, acaba sendo marginalizado”. Os participantes com esse ponto de vista estão preocupados em conseguir um emprego, talvez internacional, e a eles foi dado o nome de Caçadores de um Diferencial.

### 3.1.3 Fator C: Aspirantes à Comunicação Precisa e Adequada

O terceiro fator, denominado de “Aspirantes à Comunicação Precisa e Adequada”, consiste em 5 participantes. Os escores para os itens, que representam as crenças e opiniões dessas pessoas, são apresentados no Apêndice. Esse terceiro fator revela indivíduos interessados na comunicação precisa e adequada numa língua universal (37, +4). Estão preocupados em compartilhar ideias, seja com profissionais (1, +3; 7, +4; 34, +4; 54, +3), seja com as pessoas em geral (37, +4; 47, +3). As pessoas com esse ponto de vista se preocupam com as informações trazidas pelos textos originais em inglês (3,

+5) ou nos congressos internacionais (8, +3). Acham importante um inglês fluente (25, +5) e formal que todos entendam (24, +5). Também valorizam a leitura, em inglês, de textos em geral (11, -4) e da literatura (12, +3). Negam a suficiência da tradução das informações do Google (30, -3) e também não se satisfazem com noções gerais para uma compreensão vaga do que está sendo comunicado (30, -3). Além disso, negam que inglês se limita à conversação e não mostram qualquer interesse em tentar comunicar coisas simples e simplistas com colegas somente pelo prazer de conversar (53, -1). Além da ênfase na comunicação, afirmam querer aprender inglês (19, -5) e gostar de conhecer os gringos (39, -4), como também de viver no exterior (51, +4), embora o interesse nessa vivência seja menor do que o dos participantes com outros pontos de vista. Tentam compreender as letras das músicas (43, -5) e as conversas dos filmes (20, -3), mas essa preocupação com a compreensão das conversas dos filmes é menor do que a dos dois primeiros pontos de vista, assim como também do quinto grupo. Não estão se preocupando com uma “identidade globalizada” (18, -3), nem com o prazer de contatos com comerciantes (21, -5), mas se preocupam com a precisão e a fluência na comunicação: o inglês padrão, normativo, é facilitador da comunicação profissional adequada. Essa preocupação primordial com a comunicação levou à denominação de Aspirantes à Comunicação Precisa e Adequada.

O sabor desse ponto de vista fica claro nos comentários de alguns dos participantes: “Inglês é uma língua internacional padrão, como uma norma ABNT ou ISO, ou o dólar como medida de comparação de câmbio” e “É necessário um inglês formal e culto de maneira a padronizar a língua e todos se comunicarem sem problemas.” A adequação também é destacada: “É necessário saber se comunicar bem para que não haja mal entendidos.” Outro participante lembrou a importância da comunicação com o texto acadêmico: “Para uma boa formação acadêmica é preciso entender os textos em inglês que não foram traduzidos corretamente”. Incluem a compreensão dos filmes na comunicação almejada: “É importante entender o que é falado em filmes, mesmo com legenda, para entender o que realmente foi dito”. Esse ponto de vista engloba pessoas que compartilham a ideia da importância do inglês normativo como língua padrão.

#### **3.1.4 Fator D: Investidores em Necessidade Profissional**

O quarto fator, denominado “Investidores em Necessidade Profissional”, consiste em 3 participantes. Os escores dos itens que refletem as crenças e opiniões dessas pessoas são apresentados no Anexo. Esse quarto ponto de vista identifica pessoas que em primeiro plano sentem a importância do inglês para suprir necessidades profissionais, seja para arrumar um bom emprego (25, +5), seja para aproveitar alguma oportunidade para negócios no exterior (31, +5), porque não esperam que os outros aprendam português (33, -5). Preocupam-se muito com a comunicação com os estrangeiros, seja em contatos profissionais, seja com estrangeiros no Brasil. Acham que vão precisar dessa língua

estrangeira profissional ou academicamente para poder compartilhar ideias internacionalmente (1, +3; 54, +4; 52, +2) e publicar artigos acadêmicos em inglês (7, +4; 34, +5), como também para produzir textos escritos no trabalho (5, +3) e participar de entrevistas (24, +3). Também se preocupam em se comunicar com estrangeiros no Brasil que não sabem português (50, +3). Embora expressem um interesse em conhecer estrangeiros (27, +4; 39, -4; 26, +3) e manter esses contatos (29, +4), pretendem ficar no Brasil e nem pensam em viver fora (51, 0); assim, não devem precisar utilizar o inglês para conversar com outros enquanto trabalham (37, -3), nem conseguir ajuda em qualquer lugar do mundo sação (53, -3) e valorizam muito a língua escrita para fazer e manter contatos no exterior. Mostram, então, uma preocupação de se comunicar com estrangeiros, mas sem sair do país, seja como profissional através de artigos acadêmicos, seja com estrangeiros no Brasil que não falam português. Pouco se preocupam, entretanto, com o uso de traduções e legendas para garantir compreensão. Mostram um interesse grande na aproximação com as pessoas no exterior (29, +4; 27, +4) e com a manutenção desses contatos/amizades (29, +4). Esses indivíduos foram denominados Investidores em Necessidade Profissional. Como os Caçadores de um Diferencial, se preocupam com o uso profissional do inglês, mas a grande diferença é que os Caçadores visam ao inglês como um diferencial para conseguir um emprego.

Os comentários de alguns desses participantes revelam a visão da importância do inglês para essas pessoas: “Basicamente, todo mundo sabe inglês na minha área, ou seja, não é uma vantagem e sim uma necessidade”. “Hoje em dia ter uma ideia geral de uma música, canção ou filme não é um diferencial, isso não torna uma pessoa melhor, visto que grande parte das pessoas é capaz de fazer o mesmo.”

O participante com peso negativo nesse fator também se preocupa com as ideias expressas pela mesma configuração de afirmações, mas rejeita as ideias mais importantes para os outros componentes do fator e valoriza o que eles rejeitam. Gostaria de viver no exterior (51, +5), embora não se interesse em conhecer os estrangeiros (29, -3). Embora não goste de ler literatura nem textos em inglês, gosta muito de filmes estrangeiros e quer compreendê-los sem as legendas. Tem uma meta em comum com os Caçadores de um Diferencial - trabalhar fora -, mas luta contra a necessidade de aprender a língua inglesa. Expressa claramente a sua motivação para com a aprendizagem de inglês: “Ao estudar inglês, minha motivação nunca foi ler um livro ou trabalhar no exterior; gosto daqui. Não quero me mudar do Brasil, mas adoraria mudar os ares por um tempo em certa oportunidade.”

### 3.1.5 Fator E: Exploradores da Presença do Inglês no Brasil

O quinto fator, denominado “Exploradores da Presença do Inglês no Brasil“, consiste em 5 participantes, com os escores dos itens refletindo as crenças e opiniões dessas pessoas apresentados no Apêndice. Esse fator lembra muito o dos Amantes da Língua, mas sem o entusiasmo com o desafio da

aprendizagem da língua inglesa (49, +3). A semelhança é refletida na alta correlação entre os fatores (até 0,67). Também acham bom morar no exterior (51, +3), embora tal convivência tenha menos importância para eles do que para os Amantes da Língua, os Caçadores de um Diferencial e os Aspirantes à Comunicação Precisa e Adequada. O seu interesse reside mais em lidar com a penetração da língua inglesa no Brasil, e se preocupam com a sua presença nos filmes (44, +4; 46, +5); no mundo acadêmico, preocupam-se com as exigências para publicação (7, +3; 34, +5) e com a comunicação no mundo acadêmico internacional em geral (1, +4). Essas pessoas se preocupam muito com os possíveis problemas nas traduções (3, +5; 44, +4) e não com a tradução em si. Afirmam que o inglês é conversar, mesmo o pouco que se sabe, com amigos (53, +4), e em um mundo cada vez menor, as pessoas têm cada vez mais amigos no exterior, com os quais se precisa do inglês para se comunicar (4, +4). Por outro lado, não se preocupam muito com a utilidade do inglês para mandar e-mails no trabalho (5, -1) nem para entrevistas (24, 0). Uma vez que há tanto inglês no Brasil, os estrangeiros nem são pressionados a aprender português (33, 0). Essas pessoas foram denominadas Exploradores da Presença do Inglês no Brasil. A percepção da onipresença do inglês no Brasil é revelada no comentário de um desses exploradores: “uma realidade constante no mundo acadêmico e profissional: o inglês é vital para se relacionar em ambos os meios. Artigos científicos, pelo menos na área biológica, são totalmente em inglês. Não saber inglês prejudica a compreensão. Além disso, as empresas, em sua maioria, exigem o inglês”.

#### 4. Discussão e Conclusão

A importância de uma análise das necessidades dos alunos no planejamento de qualquer curso de língua estrangeira, seja ou não de Línguas para Fins específicos, é reconhecida por vários autores (Munby, 1978; Hutchinson & Waters, 1987; Berwick, 1989; Tarone & Yule, 1989; Johns, 1991; Dudley-Evans & St. John, 1998; Belcher, 2006; Oliveira, 2011). Entretanto, não há concordância na área em relação aos procedimentos a serem usados para levantar as informações sobre essas necessidades (Richards, 2001). Sugiro que a Metodologia Q é uma opção para poder entender as percepções dos alunos sobre tais necessidades. O estudo sobre as percepções de alunos que persistem no estudo de inglês além do que seria exigido pelo curso de estudo na faculdade é revelador e mostra que existem pelo menos cinco perfis ou pontos de vista diferentes em relação ao papel do inglês na opinião desses alunos. Apesar do fato de as pessoas investigadas aqui terem muita coisa em comum nas percepções e dos perfis serem altamente correlacionados, podemos enxergar diferenças claras que são estatisticamente distintas, o que permite uma compreensão melhor das opiniões e crenças. Cada um percebe um papel diferente para a língua inglesa: uma paixão pessoal, um diferencial, uma qualificação, uma necessidade profissional e uma ferramenta no Brasil. Os resultados são diferentes dos revelados por um estudo quantitativo tradicional, no qual cada sujeito avalia cada item num

questionário independentemente dos outros itens. O que permite o destrinchamento desses cinco pontos de vista é justamente a hierarquização forçada de todos os itens. Ao avaliar a importância individual e subjetiva de cada item em relação a todos os outros, o participante revela uma hierarquia da importância relativa dos vários aspectos da aprendizagem da língua e é essa hierarquização forçada que permitiu a identificação das diferenças nas opiniões sobre o inglês. As opiniões são correlacionadas, mas distintas. O uso da metodologia Q também revelou as semelhanças de perfil das pessoas que compartilham ideias, independentemente das categorias tradicionais demográficas, como sexo e idade.

A hierarquização dos itens resulta num valor único da importância subjetiva de cada item para cada pessoa e permite a comparação desses valores – o que é mais alto na hierarquia no meu mundo mental é equivalente ao que é mais alto no seu mundo mental. Se o que priorizo nas minhas opiniões e crenças é o valor da cultura e o que você prioriza também o é, existe certa semelhança nos nossos pontos de vista, independentemente da força ou medida absoluta dessa valorização. O máximo corresponde ao máximo. Assim, podemos relativizar opiniões e crenças para compará-las – usando valores “numéricos”, porém subjetivos --, o que não se pode fazer com os resultados de estudos quantitativos tradicionais. Mesmo quem acredita em todos os itens propostos, vai ser forçado pela técnica a priorizar uns poucos e rejeitar outros poucos, deixando transparecer também o que é de menor relevância relativa para ele.

Ainda que aprender a língua inglesa seja um desafio, a importância subjetiva de tal desafio varia dependendo do ponto de vista. Não é priorizado pelos Aspirantes à Comunicação Precisa e Adequada nem pelos Investidores em Necessidade Profissional no Brasil (-1 e 0, respectivamente). Por outro lado, é de suma importância na hierarquia de ideias sobre a língua inglesa dos Amantes da Língua (+5) e de uma importância relativa para os Caçadores de um Diferencial e os Exploradores da Presença do Inglês no Brasil (+3). Além disso, o uso de ferramentas estatísticas permite identificar se uma diferença numérica é ou não suficientemente grande para ser significativa. No caso, a estatística mostra que, apesar da diferença numérica entre a posição dos Amantes da Língua e a dos Caçadores de um Diferencial, ou entre aquela e a dos Exploradores da Presença do Inglês no Brasil para combater a penetração dessa língua no país, não são estatisticamente diferentes as posições; enquanto a importância para os Aspirantes à Comunicação Precisa e Adequada é estatisticamente diferente da importância percebida por todos os outros, com exceção dos Investidores em Necessidade Profissional.

Além disso, mesmo que uma mesma crença tenha uma avaliação de importância relativa semelhante pelas pessoas de dois pontos de vista, isso não necessariamente significa que é vista da mesma maneira pelos dois grupos. Na literatura da Metodologia Q, é conhecida a pesquisa que mostrou que “*thoughtful*” (pensativo/cuidadoso/atencioso) foi altamente importante na avaliação de três perfis diferentes, mas para cada um, um aspecto diferente é que foi relevante na interpretação.

Para um perfil, o que foi focado foi a questão da pessoa ser contemplativa; para o segundo, o que foi enfatizado foi o caráter atencioso e solícito, e para o terceiro, significou que pensou bem para agir com cuidado - três interpretações para uma mesma palavra (Brown, 2010). Dependendo das outras opiniões/crenças priorizadas nas avaliações, percebem-se tais enfoques como diferentes. Uma vez que expressam opiniões, os itens são sujeitos a interpretações diferentes. Assim, na avaliação do item 3 (*Conseguir ler textos acadêmicos em inglês é crucial para ter acesso às informações novas; as poucas traduções existentes são frequentemente equivocadas*), o ponto de vista dos Aspirantes da Comunicação Adequada priorizou a precisão das informações novas, enquanto o dos Exploradores da Penetração do Inglês no Brasil priorizou a questão da falta de traduções.

Esse olhar para os motivos do estudo continuado desses alunos universitários sugere a importância de adotar materiais adequados para as necessidades percebidas por eles, mas essas percepções variam muito. Enquanto os Amantes da Língua procuram oportunidades imediatas para uma comunicação real, os Exploradores da Presença do Inglês no Brasil encaram a sua aprendizagem como um treinamento para o futuro. Por outro lado, uma ênfase na comunicação pode de-enfatizar a gramática, o que fugiria das necessidades percebidas dos Aspirantes à Comunicação Precisa e Adequada, que procuram precisão de ideias e a gramática da língua padrão, como também a compreensão precisa de textos acadêmicos. Os Caçadores de um Diferencial e os Investidores na Presença do Inglês no Brasil, por outro lado, se preocupam muito com uma linguagem mais profissional, especialmente de negócios, e tendem a rejeitar assuntos corriqueiros que se adaptam a uma comunicação mais social. Engajados na preparação para a sua vida profissional, todos percebem que a língua inglesa é importante nas suas vidas e estão dispostos a investir nela. Caberia à universidade oferecer cursos diferenciados que fossem ao encontro dessas expectativas.

Recebido em 10/2012; Aceito em 11/2012.

### Referências Bibliográficas

- BELCHER, D. 2006. English for specific purposes: Teaching to perceived needs and imagined futures in worlds of work, study, and everyday life. *TESOL Quarterly*, **40**.1: 133-156. Hoboken, NJ.
- BERWICK, R. 1989. Needs assessment in language programming: From theory to practice. In: R.K. JOHNSON (Org.). *The second language curriculum*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 48-62.
- BROWN, S. R. 1980. *Political subjectivity: Applications of Q methodology in political science*. New Haven: Yale University Press.
- \_\_\_\_\_. 2010. Blog. Comunicação disponível em: [Q-Method@Listserv.kent.edu](mailto:Q-Method@Listserv.kent.edu). Acesso em: 12 de abril de 2010.

- CARVALHO, A. B. de. 2008. *Vocabulário e leitura: Pontos de vista de professores e estudantes revelados pela metodologia 'Q'*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas.
- CLEMENT, R., GARDNER, R. C. e SMYTHE, P.C. 1977. Interethnic contact: Attitudinal consequences. *Canadian Journal of Behavioral Science*, **9**.3: 205-215. Ottawa.
- CROOKES, G. e SCHMIDT, R. W. 1991. Motivation: Reopening the research agenda. *Language Learning*, **41**.4: 469-512. Ann Arbor.
- CUNHA, M. C. K. 2005. *Ambiente de aprendizagem em aulas de língua estrangeira: Percepções de aprendizes reveladas pela metodologia Q*. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas.
- DÖRNYEI, Z. 1998. Motivation in second and foreign language learning. *Language Teaching*, **31**:117-135. Cambridge, UK.
- \_\_\_\_\_. 2001. *Teaching and researching motivation*. Harlow, UK: Longman.
- \_\_\_\_\_. 2003. Attitudes, orientations and motivations in language learning: Advances in theory, research and applications. *Language Learning*, **53**.1: 3-32. Ann Arbor.
- DUDLEY-EVANS, T., e ST. JOHN, M. 1998. *Developments in ESP: A multi-disciplinary approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- EL-DASH, L. G., e BUSNARDO, J. 1994. Brazilian orientations to English: Interpreting integrativeness and instrumentality. Trabalho apresentado no V International Conference of Language and Social Psychology, University of Queensland, Brisbane, Australia, 1994.
- \_\_\_\_\_. 2001. Brazilian attitudes towards English: Dimensions of status and solidarity. *International Journal of Applied Linguistics*, **11**. 1: 57-74. Oxford, UK.
- GARDNER, R. C. 1985. *Social psychology and second language learning: The role of attitudes and motivation*. London: Edward Arnold.
- GILES, H. e COUPLAND, N. 1991. *Language: Contexts and Consequences*. Pacific Grove, Calif.: Brooks/Cole.
- HUTCHINSON, T. e WATERS, A. 1987. *English for specific purposes: A learning-centered approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JOHNS, A. 1991. English for specific purposes: Its history and contribution. In: M. CELCE-MURCIA (ed.), 1991, *Teaching English as a second or foreign language*. Boston, MA: Heinle & Heinle. pp. 67-77.
- MAGNUS, S. de P. F. 2005. *Estratégias de aprendizagem em língua estrangeira – Um estudo “Q”*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas.
- MASGAROT, A. M. e GARDNER, R.C. 2003. Attitudes, motivation, and second language learning: A meta-analysis of studies conducted by Gardner and associates. *Language Learning*, **53**.1: 123-163. Ann Arbor.
- McKEOWN, B. e THOMAS, D. 1988. *Q methodology*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- MUNBY, J. 1978. *Communicative syllabus design*. Cambridge: Cambridge University Press.
- NORTON PEIRCE, B. 1995. Social identity, investment and language learning. *TESOL Quarterly*, **29**.1: 9-31. Hoboken, NJ.
- OLIVEIRA, J. G. de. 2009. *O país chamado leitura e a descoberta do Sr. Q: Um estudo sobre os pontos de vista de professores de inglês sobre leitura*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas.
- OLIVEIRA, G. de. 2011. Um ponto de partida na trajetória do entendimento das necessidades de alunos do curso de sistemas de informação em relação ao uso do inglês. *the ESPecialist*, **32**.1: 49-68. São Paulo.

- PINTRICH, P. R. e SCHUNK, D. H. 1996. *Motivation in education: Theory, research and applications*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- ROSA, A. A. C. da. 2011. *As diretrizes curriculares estaduais e a sala de aula de língua inglesa: Uma investigação acerca das percepções de professores do estado do Paraná*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas.
- RICHARDS, J. C. 2001. *Curriculum development in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press.
- STEPHENSON, W. 1955. *The study of behavior: Q-technique and its methodology*. Chicago: University of Chicago Press.
- TARONE, E. e YULE, G. 1989. *Focus on the language learner*. Oxford: Oxford University Press.
- TAVES, L. G. P. 2011. *A aprendizagem da LE inglês fora da sala de aula: Um estudo "Q"*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas.
- USHIODA, E. 1998. Effective motivational thinking: A cognitive theoretical approach to the study of language learning motivation. In: E. SOLERE e A. ESPURZ (Orgs.), 1998, *Current issues in English language methodology*. Castello de la Plana, Spain: Universitat Jaume I. p. 77-89.
- WILLIAMS, M. e BURDEN, R. 1999. Students' developing conceptions of themselves as language learners. *Modern Language Journal*, **83**. 2: 193-201. Hoboken, NJ.

Anexo

Fator	A	B	C	D	E
1 Para participar da comunidade científica, é preciso compartilhar as suas ideias. Isso só se faz internacionalmente se conseguir falar e escrever em inglês	- 1	0	3	3	4
2 Contatos com colegas no exterior oferecem oportunidades ímpares.					
3 Conseguir ler textos acadêmicos em inglês é crucial para ter acesso às informações novas; as poucas traduções existentes são frequentemente equivocadas	1	2	5	0	5
4 Quando se tem amigos no exterior, não necessariamente nos EUA, que falam línguas diferentes, você acaba falando com eles: e-mail, MSN, em inglês	0	- 2	- 2	- 1	4
5 No trabalho, se você tem que escrever alguma coisa em inglês para mandar para alguém no exterior, você tem que usar o inglês formal e bem escrito	1	4	2	3	- 1
6 Quem faz intercâmbio tem oportunidade de ficar o dia inteiro falando inglês, conversando com os outros no meio da rua; vai pegando as gírias, do jeito que eles falam	3	3	0	1	0
7 A comunidade científica se comunica através dos artigos profissionais. Se não publicar o seu trabalho a sua voz fica apagada	- 3	0	4	4	3
8 Os congressos fazem parte da vida acadêmica e temos muitos bons no Brasil. Dá uma dose concentrada de informações quando se participa	- 2	0	3	1	0
9 A língua do dia-a-dia de muitas firmas multinacionais é o inglês, mesmo estando no Brasil. Sem o inglês, você fica marginalizado	- 1	5	2	1	- 2
10 Os congressos dão acesso a tanta informação útil, mas somente aproveita quem sabe inglês	-3	-2	1	2	-1
11 Como é ruim ser obrigado a ler um texto em inglês	- 5	- 4	- 4	- 3	- 4
12 É gostoso ler as obras literárias, que nos levam para um outro mundo	3	-3	3	0	1
13 Se você faz pesquisa para as aulas, você pega alguns sites que não estão em português, você tem que ler em inglês	-1	1	1	0	1



**PERSISTÊNCIA NO ESTUDO DE INGLÊS NA FACULDADE**

14 Em viagem não se pode falar a sua língua. Você é forçado a falar inglês, tem que se esforçar e aprender na marra	-2	0	-1	0	-3
15 Os contatos sociais constituem um aspecto muito agradável dos eventos internacionais, seja no exterior, seja no Brasil	2	0	0	2	1
16 Levo vantagem se tiver acesso às informações antes dos outros, o que consigo se souber inglês	-2	3	-2	-5	-2
17 Quando escuto música, quero entender a letra porque achei bacana, bonita, sei lá, interessante	1	-1	1	-2	1
18 Hoje em dia, saber inglês faz parte da identidade de um cidadão do mundo globalizado	-1	5	-3	2	-3
19 Não sinto desejo algum de aprender inglês, mas é uma necessidade no mundo de hoje	-5	-3	-5	-1	-5
20 Se escutar alguma coisa num filme, é lucro. Não fico prestando muita atenção no som, não	-4	-5	-3	-1	-5
21 Um dos prazeres de ser comerciante é ter contatos com estrangeiros. É legal conhecê-los	-1	-3	-5	-1	-5
22 Obrigação da escola para mim algumas vezes se torna prazer, algum assunto que eu quero saber, eu vou lá no Google e pesquiso por prazer. Se não consigo entender tudo, passo pelo tradutor	-2	0	-3	-2	-2
23 Nas universidades lá fora, há laboratórios muito bem equipados e se consegue fazer boas pesquisas mais facilmente. Mas pode se falar de qualquer jeito e o pessoal entende o essencial	-4	-5	-1	1	-4
24 Acho que temos que aprender o inglês formal que todo mundo entende. Se a gente tiver uma entrevista de emprego em inglês, a gente não pode falar numa linguagem tão coloquial	2	2	5	3	0
25 Acho que hoje em dia para você arrumar um bom emprego, você precisa ter um inglês fluente. Profissionalmente, o inglês é muito importante	2	5	5	5	2
26 Não é só acesso a informações novas que se consegue estudando no exterior. Também se consegue comunicar com as pessoas e compreendê-las melhor	4	3	2	3	2
27 Se trabalhar fora, tem acesso aos estrangeiros no dia-a-dia. É muito legal conhecer a vida deles e o que pensam. Conhecer inglês torna isso possível	4	0	-2	4	-1
28 Se tiver o mínimo de conhecimento linguístico, consegue inferir o significado das palavras desconhecidas pelo contexto e ler textos na sua área de atuação	0	3	0	-1	2
29 Existem muitas pessoas interessantes morando lá fora, mas sem domínio da língua inglesa, não consegue se aproximar, ainda menos manter amizades	0	-1	-1	4	-1
30 Se a gente tem alguma noção de como se fala, isso facilita a nossa comunicação com eles. Não tem perigo deles nos interpretar errado	-1	-2	-3	0	-1
31 Existem muitas oportunidades para negócios no exterior, mas precisa conseguir comunicar bem para conseguir aproveitar	0	4	2	5	0
32 É bom ler revistas, livros, textos, assistir filmes e outras coisas do seu interesse em inglês. Não é só aula, é porque você quer	5	2	0	1	3
33 Por que só a gente teria que aprender uma língua estrangeira? Quem vem de fora deve aprender a nossa língua	-3	-2	-3	-5	0
34 No mundo acadêmico é preciso publicar, e infelizmente uma publicação no exterior, em inglês, vale mais no currículo	-3	2	4	5	5
35 A internet abriu o mundo para o brasileiro, só que para ter acesso pleno, precisa conseguir se comunicar em inglês	0	1	1	2	-2
36 A maioria dos jogos é em inglês e aí você tem que entender o que está escrito para jogar	-4	-4	-4	-1	0
37 Inglês é uma língua universal. Você consegue conversar com alguém o tempo todo em qualquer lugar	4	1	4	-3	3
38 O turista que não sabe falar inglês não consegue desfrutar a oportunidade de conhecer as pessoas	0	-4	1	-2	-2
39 Não me interessa conhecer os gringos. Prefiro mil vezes conhecer	-4	-5	-4	-3	-4

os brasileiros e as belezas desse país fascinante					
40 Muitos textos legais jamais serão traduzidos para o português	1	-1	-2	-1	1
41 Me dá um senso de poder saber a letra das músicas que a turma curte	-3	-3	-4	-4	-3
42 Acontece cada coisa no mundo! E sabendo inglês, não dependo da interpretação de um tradutor	2	-2	0	-4	0
43 Eu só escuto o batuque da música. Raramente tento entender, dá muito trabalho porque é difícil de entender	-5	-4	-5	-3	-5
44 Gosto de filmes estrangeiros, mas a legenda nunca capta tudo o que passa	3	-1	0	-5	4
45 Trabalhar no exterior dá oportunidade de ganhar bem e ter uma vida melhor	3	4	0	0	-1
46 É muito legal a sensação de entender o que se passa no filme sem precisar de legenda	4	2	-2	-4	5
47 Se souber falar inglês, onde se for no mundo consegue alguém para ajudar, explicar	1	1	3	-4	2
48 A literatura reflete a cultura de um povo e dá acesso a sua visão do mundo	3	-1	2	1	1
49 É um desafio e tanto aprender uma outra língua, mas vale a pena	5	3	-1	0	3
50 Muitos profissionais que vêm para o Brasil não falam português	0	1	0	3	0
51 Viver no exterior por uns tempos seria uma experiência ímpar	5	4	4	0	3
52 Frequentemente tenho percepção diferente de questões profissionais depois de discuti-las com colegas lá fora	-2	-1	-1	2	-4
53 Para mim, o inglês é conversar. Eu gosto de tentar falar inglês com colegas, mesmo coisas simples	0	-3	-1	-3	4
54 Para quem estudar no exterior, saber inglês facilita a troca de ideias com os colegas sobre a interpretação dos resultados das pesquisas	2	1	3	4	2

*Linda Gentry El-Dash is an Adjunct Professor of Applied Linguistics at the University of Campinas. Her areas of interest include attitudes in relation to all aspects of a foreign language and its teaching and learning, as well as contrastive aspects of the grammar and semantics of English and Brazilian Portuguese. Her email is: [linda.eldash@gmail.com](mailto:linda.eldash@gmail.com)*